

“A música é capaz de reproduzir, na sua forma real, a dor que dilacera a alma e o sorriso que inebria”.

Ludwig van Beethoven

“*punte*”, em espanhol, “*pont*”, em francês, “*bridge*”, em inglês, “*ponte*”, em português...

“fazer ponte” à expressão que corporiza o período que corresponde a um feriado prolongado por um dia útil em que não se trabalha, entre dois feriados, ou entre um feriado e um fim-de-semana.

Assim, começa este conto, num dia em que “faço ponte”.

Não estava um dia de calor, mas apeteceu-me ver o mar. Percorri o paredão projetado para impedir a troca de sedimentos entre a terra e a água, desconhecendo que logo me arrependeria de o ter feito.

O vento começou a uivar, o mar retorquiu-lhe e o paredão aplaudiu, corpos a contribuírem para a orquestra da vida, todos numa perfeita sintonia. Eu seguia atónito em cima da ponte de língua que se contorcia debaixo dos meus pés. Pele, pedra, ponte, pé, pés escorregavam, pontes dançavam, pedras reboavam, a pele cedia, eu já não conseguia caminhar, o paredão e o mar eram unos e eu senti-me a cair de um precipício.

Mergulhei na água gelada, mas, curiosamente, não estava molhado. Abri bem os olhos, estava dentro de uma espécie de submarino feito de pedaços de coisas velhas ou de partes de coisas novas, que ia recolhendo restos de tudo o que não interessava aos peixes. Não sei quem o conduzia, mas parecia-me que esta estranha construção andava sozinha.

Comecei a percorrer pontes sem fim, construídas com cordas, máscaras, cotonetes, pontas de cigarro, isqueiros descartáveis, e a reconhecer partes desse barco diferente (seria, de facto, um submarino, ou um produto da minha imaginação?). Em todas as pontes, resistiam soberanamente outros meninos que brincavam com os seres mais incríveis que eu podia imaginar. Todos sorriam.

Entrei numa sala, onde as várias paredes eram feitas de um amontoado de velhas redes de pesca estragadas, depois, vi um móvel de latas e uma parede transparente, onde se acumulava o que o barco ia descobrindo na água à medida

Pontes

que avançava. Também aí estavam outros meninos como eu, todos sorriam e pareciam construir vários objetos.

Arregalei os olhos, a água estava límpida, via todas as espécies de peixes a respirar tranquilamente no seu elemento, todos os animais marinhos pareciam sorrir à minha passagem, as ilhas, os vulcões, as cadeias de montanhas, as fossas oceânicas e as planícies abissais, os meninos, o mar profundo refletia o céu.

Ouvi uma voz, a do mar, vi uma ponte a desenhar-se na água, atravessei-a, fui ao seu encontro, dali já não sairia mais, era o meu lugar.

Tinha uma responsabilidade e não ia falhar. Sabia que as pontes também servem para nos levar ao Natal, *nātālis* no latim, derivada do verbo *nāscor* (*nāsceris, nāscī, nātus sum*) que tem sentido de nascer.

Assim, termina este conto, num dia em que deixei de “fazer ponte” para sempre.

[Guilherme Castelo – 9.º ano]